



## OTITE EXTERNA EM EQUINO COM ESTENOSE PARCIAL DE CONDUITO AUDITIVO POR TECIDO DE GRANULAÇÃO EXUBERANTE

Luana D. MOREIRA<sup>1</sup>; Gabrielle da SILVA<sup>2</sup>; Luis F. A. TOLEDO<sup>3</sup>

### RESUMO

A otite não é uma patologia frequentemente encontrada na espécie equina, mas quando acometida apresenta relevância clínica e preocupações de evolução para piora do prognóstico. Foi admitido no Hospital Veterinário de Grandes Animais do IFSULDEMINAS - Campus Muzambinho, uma égua, apresentando posicionamento anormal da orelha esquerda, com aumento de volume da sua base, com secreção amarronzada no início do conduto auditivo e odor fétido. Realizou-se o exame clínico e cultura e antibiograma da secreção e foi diagnosticada a otite bacteriana externa. O tratamento preconizado foi tópico com limpeza diária e antibioticoterapia. Após 45 dias de internação, o animal recebeu alta médica com evolução favorável do quadro.

**Palavras-chave:** Égua; Inflamação; Otocultura; Ouvido; Endoscopia.

### 1. INTRODUÇÃO

O sistema auditivo periférico é composto por ouvido externo com formato afunilado e compreende desde as cartilagens auriculares até a membrana timpânica. Neste ponto inicia-se o ouvido médio integrado pelo tímpano, os ossículos auditivos martelo, bigorna, estribo e músculos que controlam ações da tuba auditiva. O ouvido interno é formado pela parte do osso temporal e pelo labirinto membranoso (Paim, 2018).

Uma das patologias do sistema auditivo é a otite que se define por ser uma inflamação do epitélio do canal auditivo (Junior et al., 2024). A otite externa equivale a todo processo inflamatório, agudo ou crônico que atinge o epitélio do conduto auditivo externo podendo acometer o pavilhão auricular (Paim, 2018).

Sendo pouco relatada na clínica de equídeos, mas que se caracteriza sempre como uma afecção de alta relevância, fatores como a conformação auricular e a quantidade reduzida de glândulas sebáceas no conduto auditivo são o que tornam o cavalo menos propenso a desenvolver essa afecção, além de possuírem a porção óssea do conduto auditivo externo aglandular e apresentarem a porção proximal do canal auditivo relativamente estéril, justifica a resistência natural destes animais ao desenvolvimento de otites externas primárias (Fernandes, 2018).

As causas da otite podem ser diversas, entre elas estão: a higienização precária dos ouvidos,

<sup>1</sup> Médica Veterinária, Aprimoranda do Programa Aprimoramento Profissional em Medicina Veterinária do IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG. E-mail: luanadolivo@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do curso de Medicina Veterinária do IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG. E-mail: gabrielle.silva@alunos.ifsuldeminas.edu.br

<sup>3</sup> Docente do curso de Medicina Veterinária do IFSULDEMINAS – Campus Muzambinho, Muzambinho, MG. E-mail: luis.toledo@muz.ifsuldeminas.edu.br

presença de ectoparasitas e corpos estranhos, qualquer trauma no conduto auricular e infecções por bactérias ou fungos (Junior et al., 2024). Em equinos é comum a ocorrência de infestações por carrapatos nas orelhas e canal auditivo levando a inflamação e infecção local (Paim, 2018).

Os animais acometidos por otite externa apresentam intenso prurido na orelha afetada, dor contínua ou intermitente, aumento de temperatura local, apresentam inquietude ou irritação, meneios de cabeça e secreção geralmente fétida, podendo nos casos crônicos apresentar ainda secreção de coloração marrom devido à atividade das glândulas ceruminosas, hiperqueratose da base da orelha e do pavilhão auricular, e necrose tecidual comprometendo a cartilagem de sustentação da orelha (Fernandes, 2018).

O diagnóstico definitivo da otite externa é simples, sendo fundamentado pelos sinais, aconselha-se o uso de um otoscópio pois assim é possível verificar a presença de corpo estranho ou parasitas (Paim, 2018). Vale ressaltar a importância dos exames complementares, no qual avaliam através da citologia e exames microbiológicos além dos exames de imagens, comprovando a eficiência da realização de tomografia computadorizada, videotoscopia, culturas bacterianas e citologia, como ferramentas importantes na avaliação do canal auditivo dos equídeos (Fernandes, 2018).

O objetivo deste trabalho foi relatar os aspectos clínicos de um equino diagnosticado com otite externa através de citologia otológica, associada a estenose parcial do conduto auditivo externo.

### **3. MATERIAL E MÉTODOS**

Foi admitido no Setor de Grandes Animais do Hospital Veterinário do IFSULDEMINAS Campus Muzambinho, uma égua, SRD, 8 anos, pesando 371 kg, trazida por sua proprietária que autorizou e concedeu o uso e reprodução das imagens e do caso clínico e outras informações pelo corpo clínico de veterinários que prestam serviço no Hospital Veterinário do Instituto Federal do Sul de Minas – Campus Muzambinho, como material de interesse científico para apresentações, aulas, palestras em Congressos e afins, menções em artigos científicos, monografias, dissertações, teses, reprodução em rádio e TV, mídia impressa, periódicos, livros e-mails, websites e outras redes sociais com finalidade educacional através da assinatura de um termo apresentado e detalhado em sua chegada.

O animal apresentava na inspeção, posicionamento alterado da orelha esquerda, com aumento de volume em sua base, odor fétido e secreção amarronzada proveniente da mesma. A tutora relatou que há cerca de quarenta dias foi identificado miíase no conduto auditivo do animal e a partir daí tiveram diversas tentativas de tratamento sem sucesso. Na admissão foi realizado exame clínico completo e sedação com 0,5 mg/kg de Detomidina intravenosa para o animal permitir

melhor avaliação do ouvido, foi realizado tricotomia e a primeira limpeza com Clorexidine Degermante 2%, não identificando miíase, mas sim uma massa característica de tecido de granulação estenosando parcialmente o início do conduto, impossibilitando que secreções mais internas fossem exteriorizadas. Ao movimento da base de orelha escutava-se presença de líquido, e como primeira conduta foi introduzido uma sonda uretral de pequenos animais nº 5 e feito 1 ml de Otovet Limp, que se define como higienizador do conduto auditivo com ácido láctico como seu principal ativo. Foi instaurado um processo de dessensibilização do animal para diminuir riscos na manipulação diária, para permissão de toque e acesso à orelha sem necessidade de sedação.

Como segunda abordagem foi colhida amostra para exame complementar de cultura e antibiograma da secreção presente no ouvido externo e realizada endoscopia para avaliação se havia acometimento do ouvido interno, concluindo que a mucosa apresentava hiperêmica, a bolsa gular permanecia em sua posição e anatomia normais, com pouca presença de muco e sem secreção purulenta. Até que o resultado da cultura e antibiograma fossem divulgados, além da limpeza diária com Otovet Limp duas vezes ao dia, foi recomendado o uso tópico de 1,5 ml de Otomax, que corresponde a 3.9 mg de solução de Gentamicina, 1.5 mg de Betametasona e 13 mg Clotrimazol, também duas vezes ao dia.

Assim que divulgado o resultado da cultura e antibiograma otológicos, onde foram isoladas duas bactérias, sendo elas *Proteus mirabilis* e *Streptococcus dyagalactiae*, ambas em abundância, e com sensibilidade a diversos antibióticos, sem nota de algum resistente, foi reformulado o tratamento tópico para limpeza ainda duas vezes ao dia com Otovet Limp e alteração para 1,5 ml Auritop BID, correspondente a 6.3 mg de solução de Ciprofloxacina, 18 mg de Cetoconazol, 0.36 mg de Fluocinolona e 1,8 g de Lidoicaína, além de swab embebido com Policresuleno uma vez ao dia sobre o tecido de granulação, durante 10 dias. Após este período alterou o protocolo para limpeza com Otovet Limp, laserterapia sobre ferida no local onde havia o tecido de granulação e unguento, uma vez ao dia.

O animal recebeu alta em 45 dias após finalizar o tratamento.

#### **4. RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Durante o tempo em tratamento a égua respondeu bem ao trabalho de dessensibilização, facilitando o manejo diário do protocolo curativo. De acordo com Fernandes (2018), deve-se realizar a limpeza diária da orelha e aplicação de solução de antibióticos associados a corticosteroides nos casos mais severos e nos casos persistentes realizar cultura e antibiograma. Existem poucos estudos acerca da clínica e terapêutica das otites externas em equídeos, sendo esse um tema bastante abordado nas pesquisas voltadas a pequenos animais.

A utilização do policresuleno foi no intuito de diminuição do tecido estenosante no início do

conduto auditivo já que é um hemostático e antisséptico local, podendo ser usado concentrado em feridas, possui baixa toxicidade e baixa absorção após aplicação tópica, seu efeito se deve a ação antimicrobiana, a desnaturação seletiva do tecido necrosado e a hemostasia por coagulação proteica (Viana et al. 2012).

O laserterapia esteve presente no protocolo de tratamento pois, segundo Riccioppo et al. (2023) é um método inovador e eficiente na utilização de cicatrização mais rápida de feridas em equinos, essa técnica consiste em utilização de laser em baixa frequência para o auxílio do metabolismo e funcionalidades das células que foram lesionadas, obtendo uma regeneração tecidual mais rápido.

Fernandes (2018) relatou em estudo realizado com cães, demonstra o tratamento tópico como sendo a chave para resolução das otites externas, e relata que o tratamento sistêmico é pouco utilizado, sendo aplicado apenas nos casos de otite média concomitante a otite externa.

## 5. CONCLUSÃO

Conclui-se que o tratamento instituído foi satisfatório no presente caso, com ênfase nos exames complementares que foram de extrema importância: a endoscopia para avaliar o acometimento infeccioso das estruturas internas e intermédias do sistema auditivo e evolução da infecção, permitindo a classificação da otite em externa, e a otocultura e antibiograma da secreção presente no conduto auditivo da égua, permitindo identificação do agente causador da patologia e direcionando o tratamento para melhor escolha medicamentosa.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, I. R. M. **Otite Externa Bacteriana Crônica em Muar: Relato de Caso.** Trabalho de conclusão de curso Bacharel em Medicina Veterinária, Universidade Federal da Paraíba, 2018.

JUNIOR, C. D. B. A.; SALES, A. C. S.; LEITE, S. O. L.; LIMA, M. P. P. Otite Média por Infecção por *Staphylococcus*, Coagulase Positiva em Equino. **CIÊNCIA ANIMAL**, Edição Especial V CESMEV, v. 28, n. 4, p. 59-61, Set 2024.

PAIM, K. P. **Descrição da Técnica de Ressecção Lateral do Conduto Auditivo no Tratamento de Otite Externa em Três Equinos.** Trabalho de conclusão de Residência em Clínica e Cirurgia de Grandes Animais, Universidade Federal de Uberlândia, Faculdade de Medicina Veterinária, 2018.

RICCIOPO, B. J. de P.; MENDANHA, M. G.; JUNIOR, V. P. da S.; CAMPOS, S. B. dos S. Laserterapia: Um Método Alternativo Para Tratamento de Feridas Cutâneas em Equinos. **Revista da Graduação, UNIGOIÁS**, Goiânia/GO, v. 4, n. 2, p. 03-15, Jul 2023.

VIANA, L. F. de S. et al. Tratamentos Complementares Para Ferida com Tecido de Granulação Exuberante em Equino - Relato de Caso. **Revista Brasileira de Medicina Veterinária**, Ilhéus/BA, p. 417-420, Dez 2012.